

Na encruzilhada do comunicacional batuqueiro: da oralidade à midiatização, algumas reflexões possíveis sobre as práticas do Batuque Gaúcho

Sérgio Gabriel Fajardo¹

Rudimar Baldissera²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

RESUMO

Neste texto teórico objetivamos refletir sobre a midiatização dos processos do comunicacional batuqueiro e seus possíveis reflexos na cultura do Batuque Gaúcho. Para isso, realizamos uma breve revisão de literatura, acionando alguns pressupostos conceituais que nos orientam. Como considerações possíveis, percebemos que a midiatização atua de modo complexo sobre as práticas batuqueira, pois, por um lado, amplia visibilidade e circulação da tradição, e, por outro, coloca em risco os conteúdos simbólicos, as práticas de invisibilidade e os segredos preservados no Batuque Gaúcho.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Oralidade; Midiatização; Batuque Gaúcho.

ABRE-CAMINHOS

A encruzilhada, enquanto campo semântico, é princípio de Bará/Exu, Orixá que orienta todos os processos comunicacionais na tradição do Batuque Gaúcho. Segundo Rufino (2019), a encruzilhada é um campo de possibilidades, território inventivo e poético, promotor de transformações e novos rumos. Partindo disso, e à luz das noções de Martins (2003, p. 70) interpretamos a encruzilhada como “lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação”. Abrimos caminhos explicitando esses pressupostos, pois a noção de encruzilhada, enquanto lugar dos fluxos e transações, parece ser lente propícia à pesquisa³ para analisar os processos do comunicacional batuqueiro nesses tempos de midiatização.

¹ Professor no IFSul. Doutorando em Comunicação (PPGCOM/UFRGS). Bolsista CAPES. E-mail: sfajardopoa@hotmail.com.

² Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista de produtividade do CNPQ. E-mail: rudimar.baldissera@ufrgs.br.

³ Este texto reflexivo sobre pressupostos que nos orientam é um recorte de uma pesquisa maior, tese que estamos elaborando.

Vale também pontuarmos, mesmo que brevemente, que o Batuque Gaúcho é uma tradição de matriz africana (Silveira, 2020) que germina no século XIX e que é fortemente presente no Rio Grande do Sul. Além disso, conforme dados de pesquisa empírica (Silva Neto, 2022), destacamos que na trama do comunicacional batuqueiro a oralidade é protagonista, e que, segundo orienta a tradição batuqueira, a gestão de invisibilidade sobre as práticas sagradas dos terreiros é fator importante. Assim, oralidade e segredo se entrelaçam ao sagrado e atuam, em diferentes processos, sob lógicas de invisibilidade e descrição. Diante disso, e considerando os atuais avanços midiáticos, com suas lógicas cada vez mais sofisticadas de exposição nas redes sociais, com práticas de dizer de si e dar-se a ver (Baldissera, 2017), objetivamos refletir sobre a mediatização dos processos do comunicacional batuqueiro e seus possíveis reflexos na cultura do Batuque Gaúcho. Para isso, realizamos revisão de literatura, promovendo alguns cruzos teóricos, e, na sequência, elaboramos algumas reflexões prévias possíveis.

PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS: ORALIDADE E MEDIATIZAÇÃO NOS PROCESSOS DO COMUNICACIONAL BATUQUEIRO

Atentando para a sua pluridimensionalidade e complexidade, compreendemos os terreiros como “todo o ‘campo inventivo’, seja ele material ou não, emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento de tempo/espaço” (Rufino 2019, p. 101). Considerando essas características, interpretamos os terreiros como organizações (Uribe, 2007) e sistemas vivos (Baldissera, 2009), que necessitam de gestão e se constituem nas/pelas interações/intenções que os sujeitos em relação estabelecem, e que interagem, em processos de ordem/desordem, abertura/fechamento, com outros sistemas. A partir disso, e compreendendo que a comunicação organizacional comporta os “processos de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações organizacionais” (Baldissera, 2008b, p. 169), assumimos que o comunicacional batuqueiro compreende todos os processos comunicacionais e interacionais que se materializam nos/pelos terreiros batuqueiros (Fajardo; Baldissera, 2021), inclusive na ambiência midiática.

Conforme já pontuamos, a oralidade protagoniza nos processos do comunicacional e na materialização das práticas batuqueira, com performances para instituir as relações de poder nos terreiros, para sacralização da comunicação, sob os princípios dinâmicos de Bará/Exu, para constituição da memória coletiva do grupo, para manutenção do “comum”

na comunidade batuqueira, para preservação da prática em presença nos terreiros, pois é uma tradição que necessita da experiência, e para promover dizeres sobre as organizações terreiros, circulando, em grande parte, em fofocas/boatos (Silva Neto, 2022; Fajardo; Baldissera, 2022a, 2023, dentre outros). Desse modo, por um lado, a oralidade cumpre papéis centrais nos terreiros, sendo responsável por conformar, manter e/ou transformar significações na cultura do Batuque Gaúcho em distintos processos, e, por outro, ao pressupor nuances nos processos de construção de disputas de sentidos, pode causar diferentes níveis de perturbações na cultura batuqueira.

Na atual conjuntura dos terreiros, as perturbações nas práticas culturais batuqueiras têm sido ampliadas pelos atravessamentos das mídias digitais, visto a facilidade em que os sujeitos passaram a ter de acessar, criar e compartilhar conteúdos sobre o Batuque Gaúcho (autorizados ou não). Nesse sentido, Sodré (2015) esclarece que no presente o secreto é confrontado com as lógicas de visibilidade e midiaticização da vida social, esmorecendo as fronteiras do privado e público. Por midiaticização compreendemos, segundo Verón (2014, p. 16), a “[...] longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedade humanas e suas múltiplas consequências”. Em consonância, Hepp (2024, p. 333) afirma que, sendo um processo de longo prazo, a midiaticização não surgiu com as mídias digitais, pois ela não se refere, apenas, a transformação da mídia, “mas também da transformação das formas simbólicas e, portanto, da comunicação ligada à mídia”. Para o autor, a midiaticização é um processo inacabado e aberto, é um panorama abrangente para que se analise a relação das mudanças comunicativas a partir das mídias e das mudanças socioculturais. Portanto, a midiaticização se refere ao “processo no qual esses diversos tipos de comunicação de mídia são estabelecidos em diversos campos contextuais e o grau em que esses campos estão saturados com tais tipos”, sendo preciso estudar “[...] os tipos de mudanças na comunicação que ocorrem e, portanto, o modo como a realidade é construída” (Hepp, 2024, p. 365). Conjuntamente, recorremos às concepções de Rosa (2019, p. 173), quando afirma que “a midiaticização é, em essência, a complexificação das relações sociais e, consequentemente, da produção de sentido derivada”.

Mirando especialmente a midiaticização das práticas batuqueiras, Campos (2023, p. 272) afirma que as culturas negras, que se baseiam na lógica de circularidade, encontram no “[...] processo de midiaticização uma territorialidade num espaço igualmente em movimento”. O autor (2023, p. 272) também afirma que “[...] as interações sociais da

comunidade negra, [...] que se organizavam em tradicionalmente por estruturas de rodas sagradas ou profanas, foram atravessadas pelo midiático”, fator que faz com que os sentidos que antes eram propagados em presença nos terreiros, agora passam a ser “[...] difundidos também pelas mídias”. Portanto, os processos comunicacionais, que antes se restringiam, em grande parte, à materialização na espacialidade dos terreiros, agora se materializam, sob diversas intenções, na ambiência digital, promovendo diferentes processos de disputa de construção de sentidos na comunidade batuqueira.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

À luz dos nossos pressupostos, é possível questionar como a mediação dos processos do comunicacional batuqueiro, em diferentes processos de circulação, conformação e transformação de sentidos, impacta na cultura batuqueira? Mesmo sabendo que para responder esse problema é preciso explorar muitos outros caminhos na encruzilhada do comunicacional batuqueiro, a partir do que objetivamos com os cruzos conceituais que promovemos, é possível refletir que a mediação tende a: a) impactar as relações de poder, desestabilizando lugares autorizados de fala; b) afetar a prática em presença nos terreiros, pois é possível acessar conteúdos sobre a cultura batuqueira em diferentes locais; c) causar fissuras e/ou transformações nas significações na memória coletiva do grupo; d) perturbar as práticas de discrição e invisibilidade, a partir da ampla visibilidade promovida nas redes digitais; e e) possibilitar que pessoas não iniciadas na tradição acessem o conteúdo simbólico batuqueiro. Percebemos que a lógica da oralidade e do segredo está intrinsecamente ligada à iniciação, hierarquia e experiência vivida na cultura batuqueira, o que se contrapõe às lógicas contemporâneas de mediação e exposição das práticas culturais batuqueiras. A mediação é, para além de presença nas mídias digitais, processo que transforma formas simbólicas e interações sociais, alterando as práticas culturais da tradição. De modo complexo, a mediação, por um lado, amplia visibilidade e circulação da tradição, que sempre foi relegada às sombras e a marginalização social; por outro, coloca em risco os conteúdos simbólicos, as práticas de invisibilidade e os segredos preservados há séculos no Batuque Gaúcho.

REFERÊNCIAS

- Baldissera, Rudimar. Comunicação Organizacional: uma reflexão possível a partir do Paradigma da Complexidade. In: Oliveira, I. L.; Soares, A. T. N. (org.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul - SP: Difusão, 2008b, p. 149- 177.
- Baldissera, Rudimar. **Comunicação, organizações e comunidade: disputas e interdependências no (re)tecer as culturas**. In: III Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, 2009, São Paulo. Anais Abrapcorp 2009. São Paulo: Abrapcorp, 2009.
- Baldissera, Rudimar. Comunicação organizacional e imagem-conceito: sobre gestão de sentidos no ambiente digital. In: Ruão, T; Neves, R; Zilmar, J. (orgs.). **A comunicação organizacional e os desafios tecnológicos**: estudos sobre a influência tecnológica nos processos de comunicação nas organizações. Minho: CS Edições, 2017. p. 1-17.
- Campos, Deivison Moacir Cezar de. Entre tradição e contramodernidade: proposta de um modelo de análise para a investigação do atravessamento da circulação midiática e da circularidade do afro na diáspora. In: Silva, J. M. et al (Org.). **Redes de pesquisa**: comunicação e perspectiva. Porto Alegre: Sulina, 2023, v. 1, p. 271-297.
- Fajardo, Sérgio Gabriel. Baldissera, Rudimar. O comunicacional batuqueiro: interface entre conceitos da comunicação organizacional e da cultura. In: Martins, Ana Tais; Freitas, Camila (org.). **Pesquisas comunicacionais em interface com arte, tecnologia, religião, meio ambiente**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.
- Fajardo, Sérgio Gabriel. Baldissera, Rudimar. Oralidade e poder hierárquico nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho: entre o direito sagrado de fala e o dever de escuta atenta. **Revista Logos**, v. 29, n. 1, p. 115-132, 2022a.
- Fajardo, Sérgio Gabriel; Baldissera, Rudimar. Sob os princípios de Bará/Exu: a oralidade nos processos do comunicacional batuqueiro. **Esferas**, v. 1, n. 28, 26 dez. 2023.
- Hepp, Andreas (autor). Alencar, Bruno Rodrigo de Oliveira; Santos, Rayza Carolina Rosa; Lima, Tailson Rodrigues (tradutores). A midiatização da cultura. **Convergências**, v. 1, n. 5, 2024, p. 331-370.
- Martins, Leda. (2003). Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, (26), 63–81.
- Rosa, Ana Paula. Imagens em espiral: da circulação à aderência da sombra. **Matrizes**, v. 13, n. 2, 2019, p. 155-177.
- Rufino, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019
- Silva Neto, Sérgio Gabriel Fajardo. **Comunicação organizacional e cultura no Batuque Gaúcho: a oralidade no comunicacional batuqueiro**. Porto Alegre, 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Silveira, Hendrix Alessandro Anzorena. **Não somos filhos sem pais: história e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul**. São Paulo, SP: Arole Cultural, 2020.
- Sodré, Muniz. Do segredo ao público/privado. In: Castro, P.C. (org.). **Dicotomia público/privado**: estamos no caminho certo? Maceió: EDUFAL, 2015. p. 13-24.
- Uribe, Pablo Múnera. **La idea de organización: una concepción amplia para una acción efectiva**. Editorial comunicación. 2009.
- Verón, Eliseo. **Teoria da midiatização**: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. Matrizes, São Paulo, v.8, n.1, p. 13-19, 2014.